

## MARÍLIA MENDONÇA: A NOVA CANÇÃO DE PROCNE

Francisco Vicente de PAULA JR<sup>1</sup> (UVA)

### RESUMO:

O texto em tela converte-se em uma análise crítica e interpretativa da produção artística da cantora e compositora goiana Marília Mendonça, principalmente das posturas feminina e feminista adotadas pelo eu-poético da maioria de suas composições. Nesta análise foram abordados tópicos importantes como o mito de Procne, o empoderamento feminino e a condição feminina, inclusive no seio da música sertaneja, lugar notadamente segregador e falocêntrico, como tantos outros na sociedade atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música. Canção de Procne. Empoderamento Feminino.

De tempos em tempos, no Brasil, país que tem sérios problemas musicais, ao menos quanto à qualidade do que vem sendo produzido e tocado hoje, desponta uma estrela ou pelo menos uma voz que nos faz pensar que ainda existe arte, que ainda existe música, e que os nossos ídolos finalmente estão deixando de ser “os mesmos”, e que não precisamos ser para sempre como os nossos pais, como diria o desaparecido Belchior.

Sem a música, no dizer de Nietzsche, referindo-se a Wagner e outros vultos patriarcais, a vida seria um erro. Eu, no entanto, falo de mulher (sem trocadilho), aludo a esta menina *plus size* que, longe do esteticismo vulgar da gente funkeira (de MCs e Anitas à Nabokov) tomou de assalto a cena musical brasileira, pelo menos quanto ao que se diz popular. Enquanto algumas artistas tiram parte do nariz ou mesmo uma costela para cederem à ditadura da beleza e da magreza, ela, sem nenhuma pinta de comportada, rasga o verbo (mal) sentada, de perna aberta, com seu violão meio *gauche*.

Nisso, causa inveja a essas duplas sertanejas ao compor letras do tipo que dois homens, e mais uma equipe inteira, são incapazes de elaborar, menos ainda de alcançar a potência vocal ou a engenhosidade de Marília Mendonça, mulher e sozinha, com um CD que, para quem entende do riscado, se converte em um verdadeiro libelo da mulher contemporânea.

E se me reporto ao mito feminista de Procne não é por acaso, é porque não apenas uma voz feminina, mas uma série de outras vozes se erguem agora no mundo sertanejo e com um discurso estratégico, um discurso que vem do sertão, da periferia para o centro das questões que envolvem o corpo, a fala, a atitude de ser mulher, no dizer de Moreira (2003).

Das 15 músicas que compõem o disco, no máximo duas nos levam a mudar de faixa. O resto é coisa boa, muito bem feita em termos de letra (como há tempos não se via) e melodia quando se pode dizer que ela é musicalmente deliciosa, esta é a palavra, deliciosa. A música de Marília Mendonça também é feminina e delicada (no gesto pueril apontando com o dedo a palma da mão) executando ao vivo “Infiel” ao sorriso tímido no gesto contido de quem não sabe que esse mundo todo do sucesso já lhe pertence, pois mulheres e homens (fieis e infiéis) cantam seus hits com desavergonhada fluidez.

---

<sup>1</sup> Francisco Vicente de Paula Júnior é professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, pesquisador de Literatura Fantástica, e Doutor em Literatura e Cultura pela UFPB com tese intitulada: “O Fantástico Feminino nos contos de três escritoras brasileiras”. Contato: [vicenthy@yahoo.com.br](mailto:vicenthy@yahoo.com.br)

Há nas letras desta moça de Goiás (de onde parece vir tudo de bom e de ruim em termos de música) uma postura nova, de uma mulher antiga, mas que não tinha coragem de por em prática o que Beauvoir (1949) já lembrava: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher (por atitude) ; e que no máximo, como Woolf (1985, p. 08), o que poderia fazer seria “oferecer-lhes uma opinião acerca de um aspecto insignificante: a mulher (toda mulher) precisa ter dinheiro e um teto todo dela” se pretende escrever ficção, música ou qualquer outra coisa.

Em várias composições (a maioria dela mesma, pois é mais compositora que cantora) há gritos de “Vá embora! Saia do meu apartamento! e Quem manda em mim sou eu!”. Tudo isso com um toque de romantismo, evocando o Mito do Andrógino, (Hoje somos só metade) e uma dose leve de *sófrênciã* (que já foi denominada *coita d'amor*) e um realismo assumido de posturas iconoclastas como “gostar de homem casado” (Sentimento louco) e sair pra balada sozinha, independente, de carro, bebendo e ouvindo o “tum tum tum” do coração.

Especificamente, é uma voz de mulher que se sobressai na mesmice da música contemporânea esgotada em suas velhas formas, lembrando a noção de gênero, no dizer de Scott (1989) como uma categoria de análise histórica. E assim essa Adele do Sertanejo (se é que se pode dizer assim) ainda tão jovem, 21 anos, vai galgando um lugar mais que merecido, com destaque para um timbre marcante de graves arrastados que lembram os tempos bons da gloriosa Roberta Miranda e umas alternâncias que os homens fazem em dupla e ela os humilha fazendo sozinha. Há um quê de Paula Fernandes, em certas modalizações e algumas introduções que vêm como natural influência de um mundo que gira muito em torno de si mesmo, de seus modelos diversos de sertão.

Musicalmente falando, é perfeita na utilização do piano (Hoje somos só metade ) do sax que não se projeta em certas partes e até de um acordeom que prepondera dando o tom de xote ou de vaneirão a certos compassos. A bateria dá um show à parte fazendo casar perfeitamente a música com a dança em que mulheres sensuais meneariam o corpo a cada nova toada, embora não seja ela adepta de dançarinas como os “safados” de plantão. Mas, quando ouvimos “A voz do coração” e seu tum tum tum o desejo é dançar, dançar, dançar.

Quanto às ideologias femininas ou feministas (voluntárias ou involuntárias) longe do academicismo operante, gostaria de dizer que me agrada ver e ouvir uma pessoa que realmente apresenta e representa uma nova mulher (embora já existente) pondo em prática o que as teóricas aqui mencionadas (Beauvoir e Woolf) já aludiram. Em “Infel”, por exemplo, essa nova Procne, cheia de atitude, chama o homem para as responsabilidades, dá-lhe lição de moral e em vez de lamentar a traição, desdenha do parceiro que tinha, pois se alguém não prestava, na verdade, era ele. “Infel, agora quero ver você morar num motel... você não vai mudar” e, em seguida, passa o “prêmio” ruim para a amante que vai agora ter que cuidar.

Em outro momento, na faixa “Alô porteiro” leva a mulher à forra expulsando literalmente o macho oportunista e espaçoso do seu apartamento, afirmando seu empoderamento quanto ao lugar por ela ocupado e a ela pertencido, onde ele fica terminantemente “proibido de entrar”, com toda ambiguidade que o termo possa permitir: “Este homem que está ai, ele não pode mais subir... tá proibido de entrar”.

Na música “Folgado” o que temos é subversão total da domesticidade feminina que ironiza o mito patriarcal num tom de liberdade que se afirma pela atitude, e não pelo grito, ao dizer: “Não venha não (...) Eu não sou obrigada a viver dando satisfação (...) Da minha vida cuido eu”. E o que se torna mais interessante é que até o desiderato do casamento, da preocupação ou medo de não encontrar alguém para casar, ela

transpõe para o homem ao dizer: (...) Tô vendo se continuar assim, cê vai morrer solteiro.

E como se não bastasse, reproduz, em acordes femininos, falas literais dos malandros de Chico Buarque ou mesmo dos cafajestes machistas de Waldick Soriano ao dizer: Eu nunca tive lei /E nem horário pra sair nem pra voltar/ Se lembra que eu mandei você acostumar/Tô te mandando embora/Melhor sair agora/Não vem me controlar. Genial, apenas genial, principalmente porque questiona a si mesma e quem escuta como no hit “Meu cupido é gari”: “Não me tratou bem/Não me deu valor/Será que eu mereço esse tipo de amor?”.

Ousadamente, como já é comum a muitas mulheres de hoje (embora tímidas em verbalizar, exceto as Vadias em Marcha, a quem parabenizo) assume-se dona do próprio corpo (melhor forma de liberdade) em “Como faz com ela“, de Mayara e Paula Mattos, com tiradas sacanas ou “safadas” como “Tudo o que eu preciso/ É saber se você faz amor comigo como faz com ela” ou “A gente se dá tão bem/ Entre quatro paredes/ Que pouco me importa/ Do quarto pra fora/ Eu e você, sem regra, sem lógica” reiterando uma mulher sem pudores, sem regras, senão as que ela mesma estabeleceu. “Eu sei que é errado e quem vai entender/Você é casado e eu não quero perder/ Eu sei tá com ela, mas amo você/ Você e ela não tem nada a ver/ Sou mais eu e você”

Suas composições apresentam, em resumo, uma postura de empoderamento feminino, uma autonomia do próprio corpo e uma atitude transgressora quanto aos ditames da sociedade patriarcal, sociedade que, inclusive, chegou a dominar até mesmo grande parcela da população feminina que passou a reproduzir (e faz isso até hoje) muito do que a sociedade patriarcal estabeleceu para o que chamaram de belo sexo, por exemplo, a domesticidade, a predestinação ao casamento e a consequente ideia de fidelidade. As composições de Marília rompem com tudo isso e dão um soco no estômago da sociedade e dos valores patriarcais que simbolicamente a sedimentam e dominam, como já nos lembrava Bourdieu (1998).

Ratificando essa interessante mulher, esta voz feminina, que a exemplo de outras grandes mulheres da arte (Clarice, Cecília, Maysa, Elis...) não eram necessariamente feministas (embora ainda haja muita necessidade disso) temos uma mulher que se mostra e que dá mostras de uma igualdade que finalmente chegou, na vida, e por que não na música, palco livre de todas as tribos, num despudoramento de alguém que tudo que quer é “ser real e feliz”, como todo ser humano ao longo dos séculos já fez e faz, pelo menos, por algum tempo.

Neste quesito, a voz de Marília, às vezes, escrachada por mulheres conservadoras (as piores dentre todas, segundo a própria mulher) afirma-se apenas como alguém que, por meio da sua arte, conseguiu dizer ao mundo a que veio. Evoé! Marília Mendonça!

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo** - Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949. Vol.1. Trad. Sergio Milliet. p. 07-23

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 115-134

MENDONÇA, Marília. **Infel**. Rio de Janeiro. Som Livre. 2016. 1 CD.

MOREIRA, Nadilza. M. B. **Da margem para o centro**: a autoria feminina e o discurso feminista do século XIX. In: DUARTE, Constância Lima; ASSIS, Eduardo de; BEZ-

ERRA, Kátia da Costa. (Org.). In: *Coleção Mulher e Literatura*. 809 ed. BELO HORIZONTE, MG: Gráfica Editora Tavares Ltda., 2002, p. 143-147. v.1.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1989.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.